



Revista

Rio de Janeiro, segunda-feira, 17 de outubro de 1977

Van Gogh no MIS

O Museu da Imagem e do Som abre hoje uma exposição de reproduções de pintura e desenhos do pintor Van Gogh. A mostra tem caráter didático e continuará até o dia 30 deste mês. Dentre as reproduções constam *Os Girassóis*, *Café de Calçada à Noite*, *O semeador*, *Recanto em Montmartre*, *Campo de Trigo com Colhedor*. O objetivo é dar ao público uma visão das grandes fases da pintura.



O canto verde contra o inferno dos poluidores



Alceu Valença

O show de hoje à noite visa arrecadar fundos para a defesa do Parque Lage

"Dante Alighieri reservou o sétimo círculo do seu inferno aos violentos contra a natureza e contra a arte. Ali os criminosos eram castigados pereneamente com uma chuva de fogo, da qual não podiam jamais se proteger. O que nos estaria profetizando o poeta? O maníaco destruidor da Pietá ou os «inventores» de bombas napalm? Ou, mais profeta ainda, estaria vendo os atuais fabricantes de monstros de concreto a sugar ferozmente as reservas de oxigênio da humanidade? Incluiria ele, em seu pesadelo, os cravadores de estacas de cimento no coração das cidades — como se matam os vampiros — a roubar o sol, o verde, o ar, tudo aquilo que (antigamente) era considerado imprescindível à sobrevivência da espécie humana?"

Para que, em breve futuro, não tenhamos que ver o homo sapiens na lista dos seres em risco de extinção, vamos todos desejar e trabalhar para que se torne realidade os sonhos do poeta, e que esses fabricantes de monstros sejam ainda castigados, no velho estilo do «quem com ferro fere, com ferro será ferido».

Esse é o texto de apresentação e que marca a linha do show **Verde Que Te Quero Verde**, que reunirá, hoje, às 21 horas na ABI — Associação Brasileira de Imprensa, os músicos Elza Soares, Alceu Valença, Sérgio Ricardo, João do Valle, Dominginhos, Roberto Nascimento e o grupo Maria Déia, todos sob direção de Sérgio Cabral, num espetáculo que tem por meta principal levantar fundos para o paga-

mento das custas da Ação Popular contra o Município, que culminou com o embargo, no último dia 6, da construção de dois espigões em terreno tombado no Parque Lage.

Depoimentos da cantora argentina Mercedes Soza, de Mário Augusto Jakobiskind, Carlos Scliar, José Louzeiro, Júlio César Monteiro Martins e Tereza Teles em favor de uma tomada de consciência em relação à ecologia serão lidos pelos atores Tony Ferreira, Joana Fomm, Dina Sfat, Suzana Faini, Otávio Augusto e muitos outros.

Paralelamente ao show, estará se realizando no saguão do auditório da ABI, no 9º andar, uma exposição de fotografias de João Roberto Ripper, Júlio César Pereira, Mário Barata e Ubirajara Dettamar, versando sobre a mesma temática.

ALCEU E A NATUREZA

A respeito da tomada de consciência ecológica que envolveu um grupo de mais de 100 pessoas (impetrantes da Ação Popular) e que resultou no show **Verde Que Te Quero Verde**, do qual também participa, Alceu Valença prefere responder parodiando uma quadra que ouviu de um cantor popular nordestino em suas andanças pelo sertão: "O que me prende a atenção/ é um touro raivoso na arena/ uma pulga do jeito que é pequena/ dominar a bravura de um leão/ na picada ele muda de posição/ para coçar-se com certeza/ não se serve das unhas ou das presas/ se levanta da cama e fica em

pé/ tudo isso provando quanto é/ suprema a natureza".

Trabalhando nos últimos detalhes para o lançamento de seu mais novo LP, que se chama «Alceu Valença», e cuja primeira faixa do lado A, «Espelho Cristalino», é dedicada a Augusto Ruschi, um batalhador das causas ecológicas, Alceu explica que "de um lado do LP está presente o Dom Quixote, um guerreiro; e do outro o Lampião, que também brigava contra a injustiça, mas à sua moda. Era uma briga inconsciente".

Em «Espelho Cristalino», Alceu Valença denuncia a perda da identidade de uma cidade, devido a especulação imobiliária e a chegada da «civilização»: "Essa rua sem céu e sem horizonte/ foi um rio de águas cristalinas/ serra verde de neblina/ olho d'água sangrava numa fonte/ meu anel cravejado de brilhantes/ são os olhos do Capitão Corisco/ e é a luz que incendia meu ofício/ nesta selva de aço/ em que apenas desde a flor/ estou chorando suas penas delirantes na insensatez do asfalto".

Alceu Valença usou em «Espelho...» um refrão popular ouvido eu menino dos cantadores populares nordestinos, que muito admira e respeita "por sua assustadora sabedoria". Já naquele tempo alguém escreveu versos prevenindo os problemas de hoje em dia. É o seguinte: "mas eu tenho um espelho cristalino/ que uma baiana me mandou de Maceió/ ele tem luz que alumia ao meio-dia/ clareia a luz do sol/ que me dá o veneno da coragem/ pra girar nesse imenso carroussel/ flutuar e ser

gás paralisante/ e saber que a cidade é de papel".

Para Alceu, é justamente neste verso de esperança que reside a decisão de, apesar da «insensatez do asfalto», continuar brigando por uma cidade mais humana".

— "A minha música tem a ver com a minha vivência nordestina, é claro, mas eu estou sempre recriando, apurando a linguagem. Minha música não tem pai; é, talvez, filha do meu bisavô e quando eu digo meu bisavô estou falando em povo. Os cantores de classe média não conseguiram me influenciar. Apesar de todo o amor, de toda a admiração e respeito que tenho por Luiz Gonzaga, minha música não se baseia nele, mas diretamente naqueles valores populares que ele foi buscar junto ao povo".

Uma das músicas do novo LP, «Agalopado», diz, em determinada altura: "descobri que os moinhos são reais", mas "mesmo assim vou de encontro a eles, brigo por todas as coisas. A minha música — diz ainda — está ligada a tudo que eu vivo".

Dentro do que classifica de «parafernália em decadência», Alceu procura fazer "uma denúncia da crise que vivemos".

"Certo dia eu perguntei a respeito das doenças da mente/ o nosso grande hospital..." Segundo Valença, esse fragmento da letra de «Agalopado» dá mostra "da decadência e da loucura do sistema. No caso, eu trocaria o hospital por ocidental"...

Luciane Louzeiro